

atlas *de* **RELACÕES INTERNACIONAIS**

NÚMERO 2

REPÚBLICA DOMINICANA

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspecto Geo-econômico. 2 — A Formação das duas
Repúblicas. 3 — A Instabilidade Política 2

A CRISE NIGERIANA

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Regiões Naturais. 2 — Populações. 3 — Antecedentes
Históricos. 4 — A Independência. 5 — O Separatismo
Oriental 8

A GRÉCIA E SEUS REIS

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Quadro Geopolítico. 2 — População e Bases Econô-
micas. 3 — A Grécia e as Guerras Mundiais. 4 —
A Revolução de Cima 14

A TAILÂNDIA

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geo-econômicos da Tailândia. 2 — Aspec-
tos Histórico-Políticos. 3 — Problemas Externos 20

CADERNO ESPECIAL
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
XXIX — N.º 2

REPÚBLICA DOMINICANA

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do CNG.

1 — Aspecto geo-econômico

A ilha de São Domingos é a segunda em tamanho nas Antilhas, depois de Cuba, ocupando uma área de 77.387 km², dos quais 49.543 pertencem à República Dominicana e 77.844 à República do Haiti.

O relêvo justifica o nome indígena da ilha — Haiti — que significa “país de montanhas”. Na República Dominicana estende-se a *Cordilheira Central*, também conhecida como *serra de Cibao*, a mais elevada da ilha; a altitude máxima da ilha aí se encontra no *pico Duarte* (3.175 m). Está aí o *centro de dispersão das principais vias fluviais*, de regime torrencial, navegáveis em certos trechos apenas por botes chatos (vide quadro n.º 1).

A economia do país baseia-se na *agricultura*, daí 69,5% de sua população estar localizada na zona rural. Os principais produtos são: a cana-de-açúcar, café, cacau, reforçados pelo arroz, fumo e bananas. A *cana-de-açúcar*, principal produto dominicano, tem suas principais plantações na planície costeira do sul entre La Romana e Bani e, no nordeste, na região de Puerto Plata. Contrastando com a cana-de-açúcar, o *café* e *cacau* são cultivados em pequenas fazendas; o cacau é encontrado principalmente na imediações de São Francisco de Macoris e o café, no sopé das montanhas, por onde passa o rio Yaque do Norte. A *cultura do arroz* é recente mas, já transformou a República Dominicana de grande importador em modesto exportador do produto; sua área de cultura, bem como a da *banana*, tende a crescer com a irrigação que se vem praticando no oeste da Cordilheira

Central e na embocadura do Rio Yuna, incentivada pela Grenada Company, firma estadunidense (vide quadro n.º 2).

O *desenvolvimento industrial* também é recente; em 1962 havia no país 2.475 estabelecimentos, empregando 82.694 operários. Seus principais produtos de transformação se resumem nos tecidos, cimento, cigarros, charutos, vinhos, licores, cervejas, bebidas não alcoólicas etc. (Vide quadro n.º 3).

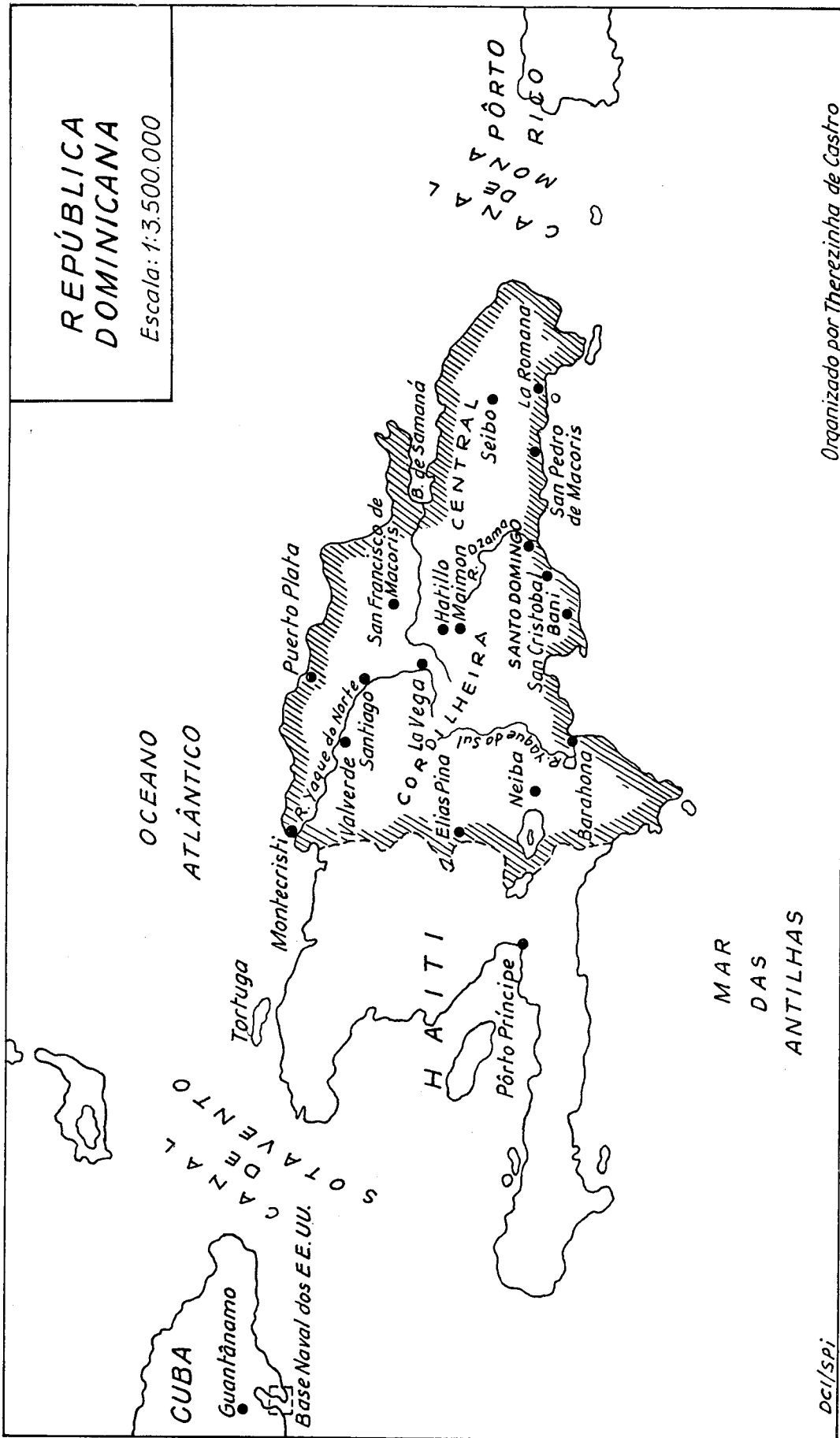
Os *campos de pastagem* se estendem na costa leste, onde estão as mais extensas planícies da ilha; aí se criam os rebanhos que servem não somente para o consumo local, como também para ser exportado para Porto Rico. (Vide quadro n.º 4).

A história da *mineração* dominicana remonta à época do descobrimento, quando o ouro de aluvião era obtido nas areias dos rios, ou retirado das minas. Nas proximidades da cidade de La Vega, ainda se notam os vestígios dos trabalhos de mineração realizados pelos colonizadores.

As explorações efetuadas no subsolo de diversas regiões da ilha demonstraram a sua riqueza mineral; nas imediações de La Vega e Sto. Domingo, os veios de *cobre* já dão para cobrir as necessidades nacionais; aí ainda, também pode ser explorado o *ouro*; os mais ricos depósitos de *ferro* podem ser localizados em Maimón e, nas imediações, a *magnetita* de Hatillo; o *manganês* ocorre na província de Seibo; as *salinas* localizadas na província de Barahona já estão sendo explotadas, constituindo na realidade o produto básico mineral da república; nesta mesma província, são encontra-

REPÚBLICA
DOMINICANA

Escala: 1:3.500.000



Organizado por Therezinha de Castro

Dc1/Sp1

dos depósitos de *bauxita*, explotados desde 1959 pela "Aluminium Company of America".

O maior obstáculo ao desenvolvimento econômico e que contribui, em grande parte, para a instabilidade da República Dominicana é a *deficiência dos meios de transporte*. Muitas áreas do interior, pela falta de estradas, estão condenadas a simples economia de subsistência. O núcleo populacional nas cercanias de Sto. Domingo está tão desintegrado do centro político do país como a região de Cibao; cada região funciona assim independentemente uma das outras, fugindo à autoridade política central. Por esta razão, a zona de fronteira com o Haiti está mais integrada à influência desse país do que à dominicana; para exemplificar, podemos citar que uma estrada de rodagem, ligando Elias Piña a Pôrto Príncipe, põe a cidade dominicana em maior contacto com a capital do Haiti, do que propriamente com Sto. Domingo.

A E. F. Central Dominicana serve a área restrita de Plata, um dos portos mais importantes do norte, e Santiago; outros sistemas de menor importância servem as empresas açucareiras. Uma estrada de rodagem, espinha dorsal, une Sto. Domingo a Montecristi, passando por algumas cidades do interior.

A aviação é ainda, dos meios de transporte, o que mais serve ao país, pondo-o em contacto com áreas vizinhas. A capital dominicana possui o aeroporto General Andrews, considerado como um dos melhores das Antilhas. A Companhia Dominicana de Aviação, filial da Pan American Airways, liga diversas cidades dominicanas, pondo-as em contacto com a ilha vizinha de Pôrto Rico.

Os portos de Plata e Sto. Domingo são os mais bem aparelhados para atenderem ao comércio do país, cujas principais exportações se resumem no açúcar, cacau e fumo (vide quadro n.º 6); o maior intercâmbio comercial da República Dominicana se faz com os Estados Unidos — com 78% das compras e 42% das vendas.

2 — A formação das duas Repúblicas

Na viagem que Colombo fez ao nosso continente em 1492 para descobri-lo, tocou na ilha de São Domingos, denominando-a *La Española*. Passou a ilha a ser então o ponto de articulação entre o Nôvo Continente e a Espanha, daí terem sido criados no local a mais antiga igreja, universidade e hospital que a América possuiu. A conquista do México e Peru fez-lhe decair a importância. Aproveitando a situação, piratas e filibusteiros franceses, estabelecidos na *ilha Tortuga*, a noroeste de São Domingos, passaram a atralhar o comércio entre a Espanha e suas colônias americanas, começando também a se infiltrarem na parte oeste da ilha, que Luiz XIV conseguiria anexar a seus domínios, ao assinar com Carlos II da Espanha o *Tratado de Ryswick* (1697).

A partir daí, em contraste com a economia estagnada do leste, a parte francesa desenvolvia sua agricultura; para o trabalho no campo introduziram os franceses grandes *contingentes negros* que chegaram a eclipsar a população branca européia, já que em 1795 citava-se uma cifra de 30.000 europeus e 500.000 negros. Neste mesmo ano, pela *Paz de Basileia*, a Espanha cedia à França o restante da ilha.

Ao se iniciar o século XIX os numerosos escravos do oeste, sob o comando de *Toussaint l'Overture* revoltam-se contra os colonos franceses, conseguindo sua separação política da França em 1804. O oeste da ilha ficou em poder dos franceses ainda por mais cinco anos, quando *Juan Sanchez Ramirez* em revolta denominada "La Reconquista", restabeleceu de novo a soberania espanhola.

Graças ao movimento de *José Nunes de Cáceres*, esta região leste da ilha conseguia, em 1821, sua independência política, sendo pensamento dos líderes locais anexá-la à Gran Colômbia, república criada por Bolívar. Tais planos não se realizariam pois, no ano seguinte, *Boyer*, presidente do Haiti,

invadia o nôvo país que havia tomado o nome de Estado Independente do Haiti Espanhol. Os 22 anos de *dominação haitiana* (1822-44) são considerados como o período das trevas; muitas famílias espanholas abandonaram a região fugindo a política de haitianização. No entanto, os patriotas locais, organizando sociedades secretas, planejavam a libertação do país; três dêles, *Juan Pablo Duarte*, *Francisco Sanchez* e *Matias Mella*, conseguem proclamar a 2.^a independência desta parte leste da ilha, sob o nome que conserva até hoje de *República Dominicana*.

3 — A instabilidade política

Nos primeiros anos dessa vida independente, a imaturidade política dos líderes republicanos levou o país a várias revoluções. Temendo que tais distúrbios proporcionassem nova invasão dos haitianos, o *General Pedro Santana*, solicitou a *união do país novamente a Espanha* (1861). A administração espanhola durou quatro anos, nos quais teve que enfrentar lutas que culminaram com a implantação da independência pela 3.^a vez na república.

A aproximação dos governos dominicanos com os estadunidenses tem início em 1869 quando, *Buenaventura Baez* pretendeu *anexar a República Dominicana aos Estados Unidos*. Temendo também a invasão haitiana, o presidente *Ulisses Heureaux* (1882-84) obteve o *protetorado dos Estados Unidos* que, *Carlos Morales Langroso* (1904) procurou estender ao *contrôle das finanças*. Quando, em 1915, para corrigir a desordem política e econômica que campeavam no país, os Estados Unidos exigem a formação de um Conselho Econômico e a criação de um Corpo Policial estadunidenses, esboçou-se uma revolta, que determinou a *1.^a intervenção dos estadunidenses* (1916-1924). Com a eleição do *General Horácio Vazquez* termina a fase intervencionista, embora o controle aduaneiro por parte dos Estados Unidos tenha-se estendido até 1941.

Com o *advento dos Trujillos* em 1930, abre-se um longo período ditatorial que culminou em maio de 1961 com o assassinato de Hector Trujillo. O presidente nesta época era *Joaquim Balaguer*, do grupo trujillista; êste, vendo crescer a oposição a seu grupo procura introduzir reformas liberais, relaxando um pouco a severa censura que se vinha fazendo à imprensa falada e escrita. No entanto, de nada adiantariam essas suas medidas, pois a oposição, agrupada na *União Cívica Nacional* (UCN) consegue, através de um levante popular, depor Balaguer (julho de 1961).

O país é então entregue a uma junta, o *Conselho de Estado*, que marca as eleições livres. O partido anti-trujillista, o UCN, apresenta o candidato *Viriato Fialho*, um dos poucos políticos do país que jamais havia colaborado com o governo ditatorial. Por sua vez, o *Partido Revolucionário Dominicano* (PRD) lançava *Juan Bosch* como seu candidato. Êste último, obtendo 60% dos votos, seria o primeiro presidente a ocupar o poder através de eleições livres, que não se realizavam no país há cerca de 40 anos.

O programa do PRD incluía a *reforma agrária*, auxílio à agricultura, taxas de incentivo para a indústria, *legislação social* adequada, promoção do turismo etc. No entanto, eram poucos os dominicanos aptos para porem em funcionamento êste programa que necessitava de muitos técnicos e profissionais.

Com a aplicação inicial da reforma agrária, os grandes proprietários começam por lhe fazer oposição e Bosch mostrou-se incapaz de pôr em prática uma política de conciliação nacional. Procurando dar ao país um cenário de liberdade de expressão e tornando invioláveis os direitos do homem, permitiu o *retôrno ao país dos comunistas* que haviam-se exilado durante o período trujillista. Não interferiu na grande propaganda que êstes faziam nos jornais e rádio, divididos em três grupos: pró Fidel Castro (Movimento

14 de junho), pró Pekin (Movimento Popular Dominicano) e pró Moscou (Partido Socialista Popular).

A infiltração comunista no governo Bosch, desorientava os líderes da UCN, bem como o grupo conservador. O pânico contra o comunismo levou o povo dominicano a uma marcha de protesto, organizada pelo grupo denominado *Movimento Anti-Comunista Cristão*; tal marcha realizou-se a 20 de setembro de 1963 com a aquiescência do comércio que fechou suas portas neste dia. Cinco dias depois, o grupo militar anticomunista das forças armadas depunha Bosch.

O líder do grupo, o coronel (depois general) *Elias Wessin y Wessin* então chefe da Escola de Treinamento da Força Aérea, não colocou o país sob o controle militar. Preferiu, no entanto, entregar o governo a três civis que, em *triumvirato*, passariam a dirigir o país provisoriamente, até que, acalmada a situação, se pudessem realizar eleições. O chefe principal do *triumvirato* era *Emilio de los Santos*, advogado de 65 anos que servia como Ministro do Tribunal Central Eleitoral. Demitindo-se do cargo em dezembro de 1963, foi substituído pelo Ministro das Relações Exteriores, *Donald Reid Cabral* que presidiu o *triumvirato* até a revolta de abril de 1965.

Este, à despeito de sua experiência nas Relações Exteriores, não soube ser um forte chefe do executivo. Procurou pôr em prática a política agrária iniciada por Bosch (que havia dividido em cerca de 300 lotes entre os camponeses, algumas propriedades dos Trujillos), distribuindo cerca de 1.500 lotes. A fim de instituir uma política de austeridade, demitiu vários oficiais que faziam fortunas ilícitas, usando aviões ou navios militares para transportar contrabando de whisky, charutos, rádios, televisões, geladeiras e automóveis que eram vendidos abertamente em cantinas; tais cantinas militares foram também fechadas. Essa atitude de Cabral, valeu-lhe a hostilidade das forças armadas e, em particular, do exército.

Começou-se a propalar que civis e militares conspiravam no sentido de depor o *triumvirato* e recolocar no poder a Juan Bosch. Esta revolta transformar-se-ia em *guerra civil*, quando o General Wessin opôs-se ao retorno de Bosch, ordenando à Força Aérea que bombardeasse o Palácio Nacional e outros pontos de Sto. Domingo em poder dos rebeldes. Os comunistas aproveitaram-se da situação para, distribuindo armas aos civis treinados em guerrilhas, converter a guerra civil em palco de anarquia.

O exército não pôde conter a anarquia, pois também estava dividido. O grupo chefiado pelo coronel *Francisco Caamaño* (pró Juan Bosch) instalou-se no poder; enquanto o grupo chefiado pelo general *Antônio Imbert* formava outro governo em Sto. Domingo.

Estava em perigo a paz e a segurança do hemisfério; os comunistas aproveitar-se-iam desta fraqueza, e a República Dominicana não podia transformar-se numa nova Cuba; daí a *intervenção dos Estados Unidos*. Uma *reunião Extraordinária da OEA* (Organização dos Estados Americanos) determinou a retirada das tropas estadunidenses e sua substituição por brasileiras (FAIBRAS), sob o comando do general *Hugo Panasco Alvim*.

Neste período, três diplomatas representando os Estados Unidos, El Salvador e Brasil (embaixador Sette Câmara) conseguiram, após repetidas negociações, que Caamaño e Imbert assinassem o *Ato Dominicano de Reconciliação* e o *Ato Institucional*. Os dois documentos, assinados a 31 de agosto de 1965 punham fim, pelo menos aparentemente, às hostilidades, já que era aceito *Hector Garcia Godoi* como presidente provisório até a realização de novas eleições. Estas foram realizadas em maio de 1966, dando vitória ao trujilista *Joaquim Balaquer*, que deverá dirigir os destinos da República Dominicana até 1970.

Seus concorrentes foram: *Rafael Bonnelly*, indicado pelos conservadores e apoiado por cinco partidos pequenos;

e *Juan Bosch*, apoiado por seu antigo partido o PRD (Partido Revolucionário Dominicano) associado ao único partido comunista que obteve registro, o Movimento 14 de Junho. Coube a Balaguer 57,2% do total dos votos, seguidos por Bosch com 39% e Bonnelly com apenas 2,8%. Os eleitores de Balaguer são numerosos nas áreas rurais, já que na capital Bosch obteve 60% dos votos contra seus 36%.

Empossado o novo presidente, as tropas brasileiras de ocupação deixaram a República Dominicana, em setembro de 1966.

QUADROS ESTATÍSTICOS (1965)

1) Vias Fluviais Navegáveis

RIOS	km	Trecho Navegável (km)
Yuna.....	380	66
Yaque do Norte.....	400	64
Ozama.....	104	25
Yaque do Sul.....	380	24

2) Produção Agrícola

PRODUTO	Toneladas
Açúcar.....	2 682 000
Café.....	42 600
Cacau.....	40 000
Arroz.....	119 500
Fumo.....	20 000

3) Produção Industrial

INDÚSTRIA	Produção
Cimento.....	297 521 ton.
Tecidos.....	9 000 000 m.
Cigarros.....	1 722 milhões
Charutos.....	33 milhões
Vinhos.....	7 445 hl.
Licores.....	118 333 hl.
Cerveja.....	285 600 hl.
Bebidas não alcoólicas.....	113 352 hl.

4) Pecuária

Bovinos	Suínos	Equinos	Caprinos	Ovinos
1 000 000	1 170 000	253 000	800 000	70 000

5) Produção Mineral

Bauxita	Ferro	Sal	Ouro
819 600 ton.	82 000 ton.	42 100 ton.	217 150 onças

6) Exportação

PRODUTO	%
Açúcar.....	57
Café.....	11
Cacau.....	8
Fumo.....	5

FONTE: Almanaque Mundial (1967) — Seleções do Reader's Digest — Rio, 1966.
The Statesman's Year Book (1966-67) — Londres, 1966.

A CRISE NIGERIANA

DELGADO DE CARVALHO

1 — Regiões naturais

A Nigéria, chamada o “Colosso da África”, ocupa uma área equivalente a quatro de nossos estados sulinos, mas a sua população ultrapassa de mais de dez milhões a população desses estados; representa, nada menos, que a quinta parte do mundo africano (57 milhões de habitantes).

O país está situado na parte oriental do *gôlfo da Guiné*, na *zona tropical sudanesa*. Apresenta-se como um vasto quadrilátero encaixado na parte média do continente, mas com o seu litoral paralelo à linha equatorial. Esta sua posição determina no país uma série de faixas paralelas de clima e de vegetação que se sucedem do sul para o norte, sendo sucessivamente zona de *florestas equatoriais*, zona de *florestas decíduas*, zona de *savanas* e, por fim, zona de *carrascos* e plantas espinhentas. A primeira destas zonas é orlada, do lado do mar, de uma faixa de mangues e lagoas, larga principalmente no esparralhado delta do rio *Níger*, cujo principal afluente, o rio *Benué* percorre de leste para oeste a zona das savanas e dos cerrados. A cada zona corresponde, mais ou menos, uma faixa de *chuvas*, variando, de sul a norte, de 2 metros de precipitação anual e menos de 250 milímetros. São duas as estações chuvosas; a estação seca, em que prevalece o “*harmattan*”, vento do nordeste, que traz massas de ar de baixa umidade e noites frias.

Como os demais países da África Ocidental, a Nigéria é um país quase exclusivamente agrícola e pecuário. Distribuem-se suas culturas segundo as zonas de vegetação. A faixa úmida cultivava *cana*, *milho*, *banana* e *óleos vegetais de palmeiras*. A região Oeste

destaca-se pelas suas plantações de *cacau*. A faixa intermediária de matas é de culturas de *amendoim*, de *tabaco*, de *algodão* e de *milhete*. No norte, na região de Sokoto, terras irrigadas produzem arroz e criam *carneiros* e *cabras* das quais são trabalhadas as peles, para exportar apreciado marroquim, e também *gado zebu*. A produtividade das terras é, em geral, baixa e os métodos de cultura atrasados. Na região sulista de Ibo já se adotam novas técnicas agrárias e rotação de culturas.

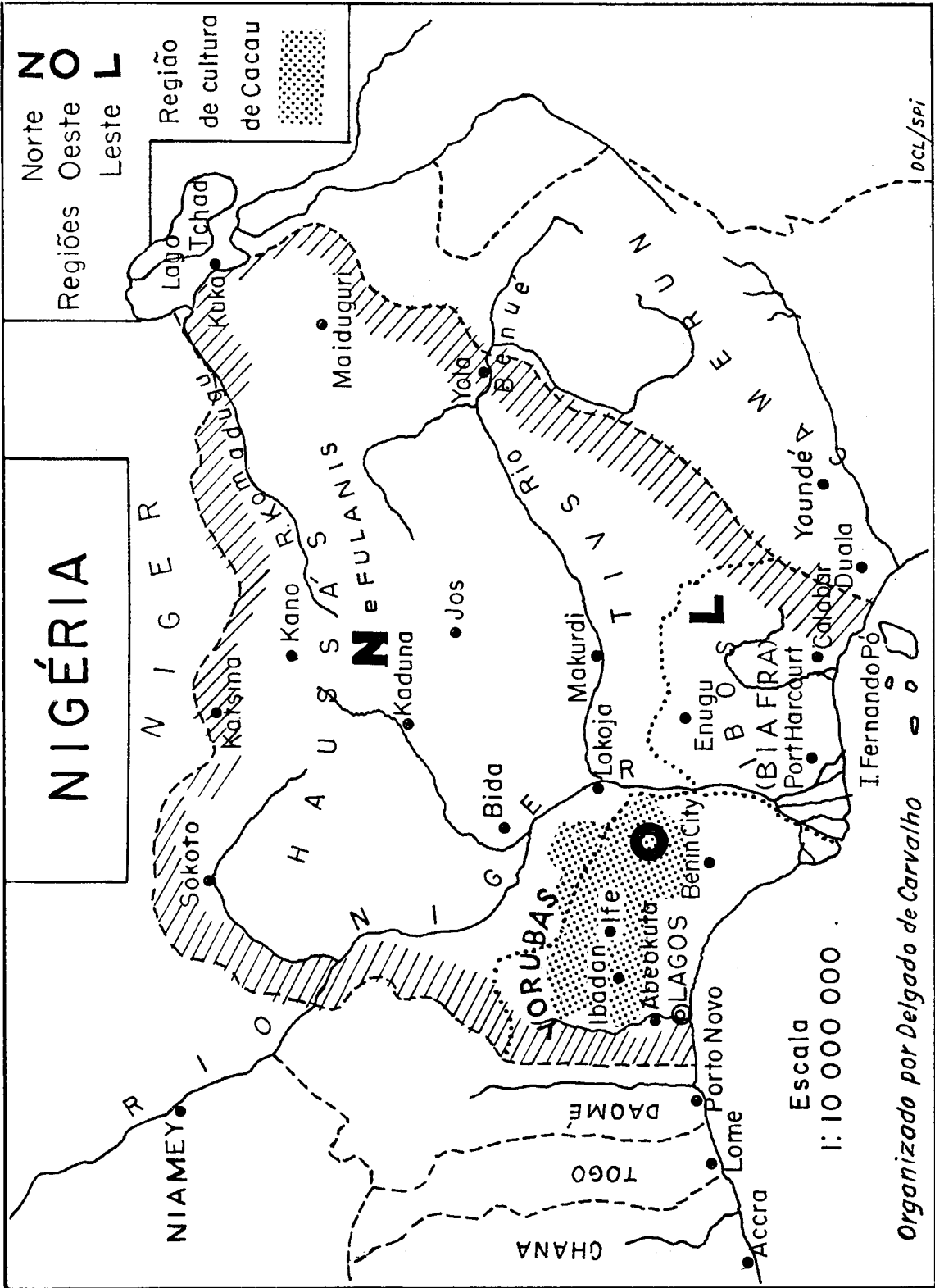
As *comunicações*, além do Níger navegável até a confluência do rio Kaduna, se fazem por vias férreas até o extremo norte, na direção do Lago Tchad, e por numerosas rodovias que vão sendo melhoradas.

As riquezas minerais da Nigéria são de recente descoberta e foi iniciada a sua exploração. Na região do Delta, por Bonny e Port Harcourt vai crescendo a exportação de *petróleo*. *Carvão* existe perto da Enugu. No interior, o planalto de Jós apresenta jazidas de estanho, explotadas a céu aberto por mais de setenta pequenas firmas indígenas. Lá também é encontrada *columbita*; em Sokoto, existem arenitos *ferruginosos*. Por sua vez, as *indústrias locais* em Kano, Lokoja, Lagos, Kaduna fabricam tecidos, cimento, vidros, peças metálicas.

Um *Plano Sexenal* foi inaugurado em 1962 e cuida de uma revolução agrária. O *açude de Kainji* no Níger, esperado por várias empresas industriais em vista, deve ficar pronto em 1968.

2 — Populações

Os principais problemas que perturbam a vida política da Nigéria e de-



terminam as recentes crises são mais de origem social, étnica e religiosa do que econômica. Em razão do verdadeiro "mosaico humano", segundo a expressão de Hervé Laroche, isto é, da mistura de raças, de línguas e das religiões, as questões políticas assumem um aspecto regional e daí surgem conflitos entre o Norte, o Oeste e Leste.

A população nigeriana é melano-africana e representa duas sub-raças. A primeira, mais numerosa, é a *sudanesa* e se estende do Senegal ao Kordofan, de indivíduos altos, muito escuros e prognatas, que se concentram principalmente nas savanas; no norte, representam mais de 60% da população. Entre eles destacam-se os *Hausás*, muçulmanos que conservam as tradições aparatosas dos impérios sudaneses do passado. São lavradores e têm chefes de grande prestígio. Nas savanas do centro, também vivem com os Haussás, os Fulani, negróides de pele bronzeada, de nariz aquilino, lábios finos e cabelos ondulados; são misturas de etíopes, de negros e árabes, mômades ou sedentários, falam línguas haussá e kanuri.

A segunda sub-raça mais numerosa é a *guineana* que se estende na faixa territorial da Gâmbia ao Camerum. São seus indivíduos os yorubas e os ibós principalmente. Geralmente baixos, corpulentos, platirríneos, menos prognatas que os haussás e menos escuros. Yorubas dominam no Sudoeste, onde representam mais de 80% da população; são os mais ocidentalizados. Os Ibós são mais individualistas, isolam-se nas florestas e têm moradias dispersas; vivem em plena democracia, sem hierarquia, sem chefes principalmente na região oeste.

O Islão penetrou na Nigéria pelo Norte onde se acham localizados cerca de 2/3 dos muçulmanos do país; Ibadan, no oeste, é importante centro islâmico. O cristianismo (7 milhões) penetrou principalmente por via marítima, devido aos colonizadores e missionários.

A população da *Federação Nigeriana*, que já alcança mais de 57 milhões de habitantes, é composta de cerca de dez cidades de mais de 100 mil almas, entre outras *Ibadan* com 600 mil, *Lagos*, sua capital, com 400 mil e várias cidades do Norte como *Kano*. Quatro são cidades universitárias (Lagos, Zaria, Ife, Ibadan).

3 — Antecedentes históricos

Perdem-se na noite dos tempos as origens da Nigéria. Na parte sul, o século XV conheceu a prosperidade de duas monarquias indígenas *Benin* e *Ife*. A produção artística do reino de Benin ficou célebre, principalmente nos trabalhos de bronze, de marfim e de esculturas de madeira. No século XIII, os fulani haviam fundado no norte a primeira monarquia muçulmana. Os *Portugueses* chegaram ao litoral nigeriano antes da ocupação do Brasil, mas pouco demoraram, substituídos mais tarde pelos *inglêses*. A partir do século XVI a Nigéria passou a ter grande comércio de negros exportados para as Américas; proibido o tráfico pela Inglaterra em 1807, continuou até 1861. *Lagos* havia sido o principal centro deste comércio. Em meados do século começaram as expedições pelo Rio Niger e, em 1879, estabeleceu-se uma companhia britânica de comércio, sendo, por isso, reconhecidos os interesses ingleses na *Conferência de Berlim* de 1884-85. No ano seguinte a coroa concedeu uma Carta à *Royal Niger Company* ficando Lagos sob o protetorado inglês. Em 1899, abolida a Carta, a Nigéria foi dividida em dois protetorados, Norte e Sul (1906) que foram reunidos em 1914, em *Colônia* da coroa sob protetorado único. Continuava, nas monarquias do Norte, a *escravidão doméstica*, mas em 1900 era abolida para os nascituros e, por fim, em 1917, a "Slavery Ordinance" aboliu, de vez, a escravidão como estatuto legal no Protetorado (*Statioman's Yearbook* — 1924).

A necessidade econômica de estabelecer comunicações entre Sul e Nor-

te, determinou, no princípio do século, a construção de *estradas de ferro* para substituir as caravanas e trazer aos *portos* o minério de estranho do planalto interior de Jós, o carvão de Enugu, as peles, as madeiras e o cacau.

A *Segunda Guerra* mundial determinou condições político-econômicas que modificaram consideravelmente a situação da Nigéria. Um dos índices mais significativos foi o do *comércio exterior* que, de uma exportação de (libra) 9,4 milhões, em 1938, passou a (libra) 268,1 milhões (embora admitindo a desvalorização da libra) em 1965. Mas os *contingentes militares* nigerianos de volta às suas bases traziam idéias novas, críticas das instituições autocráticas dos reinos pagãos da região sulista, daí perturbações da ordem pública em Benin e Abeokuta. Multiplicavam-se, por isso, as divergências entre o sul e o norte, embora permaneça o apêgo dos nigerianos às pomposas manifestações em cerimônias tradicionais. "Em parte alguma, diz Dudley Stamp, conservaram os emirados muçulmanos seus caracteres distintos melhor do que no norte da Nigéria, em parte alguns conservaram os reinos negros, primitivamente pagãos, hoje em maioria cristãos, o aparato de seus préstitos e de sua individualidade do que os Yorubas do Sul".

Em 1961, a parte norte do *mandato britânico* do *Camerum* votou a sua união à Confederação da Nigéria e foi nela integrada, desistindo porém de seus Estados os respectivos emires. O sul dêste novo território entrou na "Região Leste" e o norte, na "Região Norte".

4 — A independência

Antes da Primeira Guerra Mundial, uma *elite nigeriana* bastante restrita se mostrava desejosa de tomar parte ativa nos negócios públicos, visava um *self-government*, mais regionalista, aliás, do que nacionalista, refletindo assim a complexidade étnica tribalista e econômica do país, formado de zonas justapostas mas não geográfica-

mente integradas. Elementos negros estrangeiros contribuíram em dotar as populações da Nigéria de uma consciência pan-africana. Embora faltando de liderança, havia no país uma burguesia rica em formação; eram comerciantes, advogados, médicos sujeitos à influência de fora, especialmente das zonas portuárias do litoral, onde cruzavam-se etnias, línguas, religiões, interesses e idéias. Foi esta a origem, na fase da entre-guerras, das "uniões africanas", "uniões de estudantes", sociedades e partidos. Mas, em seguida à Segunda Guerra, intensificando-se as atividades econômicas, o enriquecimento, as necessidades da administração e do partido trabalhista, foi tida como objetivo nacional a *descolonização* pregada pela *Carta do Atlântico*.

Uma das iniciativas partidárias de mais eficiência na solução política da época coube ao publicista sulista *Azikiwe* que, em 1944, conseguiu fundar vários movimentos de sociedades, de sindicatos e mesmo de associações tribais. Formado nos Estados Unidos era um pan-africanista que pregava igualdade social, tolerância religiosa e educação pública. Foi êste o programa do novo partido, o *National Council of Nigeria and Commission* (NCNC) apoiado pelos Ibos, implantados em Lagos, e opôsto à Grã-Bretanha, era o nacionalismo "Zikista" do Sul.

Na mesma época formava-se um partido rival, essencialmente Yoruba da burguesia conservante e intelectual sob a liderança de Awolowo formalista, sólido, hierarquizado e ante-Ibo sob o nome de Grupo da Ação (Action Group).

No norte, mais particularista e desconfiado do sul, conservador e tradicionalista formavam os Fulanis e Hausás o *Northern People Congress* (NPC) que achava segurança nos laços com a Grã-Bretanha. Dela fazia parte o homem forte do norte o ministro nigeriano *Amadu Bello*.

A esta multiplicidade de partidos (pois além dêstes três grupos, eram numerosos) cabia, em última análise, a

característica de serem regionais. Eram todos aceitos pela administração britânica, que visava apenas a levá-los pacificamente à solução final de libertação política, conservando a unidade na diversidade.

A partir de 1945, acelera-se o processo de evolução constitucional. A *primeira Carta* foi outorgada e não combinada com os chefes nativos. De acordo com o "Indirect Rule", admitia uma seleção de africanos para o novo *Conselho Legislativo*. Contribuiu, talvez, para acentuar o regionalismo, mas em 1951 foi reformada a Constituição depois da *Conferência de Ibadan*. Foi criado um Parlamento de maioria indígena, um *Conselho de Ministros* e três *Câmaras Regionais* com Executivos Regionais. Por fim, uma *Terceira Constituição*, em 1954, estabeleceu a forma federativa e fixou-se a data da *Independência*.

Em 1960, isto é, 99 anos depois de ocupação de Lagos, era a Federação da Nigéria reconhecida independente, *mas membro da Commonwealth, sob a coroa britânica*. A independência desta terra africana que, durante séculos, deu forte contribuição em mão-de-obra servil ao desenvolvimento econômico do Brasil, não deixa indiferentes elementos da nossa população que com ela mantém contato. Hoje ainda, lembra Antônio Olinto (O Globo — 8-VI-64), lá vivem cerca de 25 mil descendentes de brasileiros, que voltaram à terra de seus antepassados. Nomes brasileiros são usados pelas famílias Salvador, Vera Cruz, Santos Martins, Assunção Alkajá, Reis, Mundalugar e outros que lá registrou Antônio Olinto. Na Nigéria, acrescenta êle, "Brasileiro é sinônimo de Católico".

5 — O separatismo oriental

Apesar dos contrastes de suas regiões geográficas (Norte, Oeste, Centro-Oeste e Leste) e as diversidades étnicas, lingüísticas e religiosas, a estabilidade da Nigéria independente parece baseada numa sólida situação econômica. Em contraste com muitos paí-

ses semidesenvolvidos, a economia nigeriana não depende de um só produto capital, de sua exportação para equilibrar seu comércio exterior. De fato, petróleo, amendoim, cacau, óleos são exportados por valores mais ou menos equivalentes. O seu aparelhamento técnico cresce rapidamente. As regiões naturais do país, se não são complementares, pelo menos não entram em concorrência. Entretanto, os interesses administrativos dos estados, criados pelas divisões regionais federativas, determinaram situações políticas em conflito, ocasionais revoluções e tendências separatistas, em certos momentos. Os acontecimentos de 1965 e 1966 causaram surpresas, levaram quase à guerra civil.

A crise política começou em 1962, na *Região Oeste*, quando se deu a cisão do *Grupo da Ação (A.G.)* e que seu primeiro ministro Akintola procurou a cooperação das forças da *Região Norte*. Foi discutida a "liberdade" das próximas eleições e, quando se deram em 1965, foram boicotadas na Região. Assim estabeleceu-se na legislatura federal a maioria nortista. Quando Akintola e Amadu Bello, primeiro ministro do Norte, tentaram uma "blitz" foram assassinados. Militares, por sua vez, conseguiram dar o golpe que colocou à frente do governo o *general Ironsi* (janeiro de 1966). Estabeleceu temporariamente seu quartel general em Lagos; tornou-se comandante supremo do novo governo militar federal, criando um *Conselho Militar* e um *Conselho Executivo* e abolindo todos os existentes órgãos federais e regionais. Hábeis negociações com o Norte puzeram fim à rebelião lá surgida.

O governo do general Ironzi foi curto, mas de grande atividade administrativa e política. Começou depurando as repartições públicas perseguindo a corrupção e recrutando novo pessoal para a administração. Centralizou os ministérios em Lagos, tomando medidas drásticas contra o norte, cujos Conselho dissolveu. Tornou-se, assim, a Federação da Nigéria em *Es-*

tado Unitário, centralizado. O nôvo ditador previa um regime militar *provisório* que duraria até 1969. Tornou-se êste regime intolerável ao Norte, tanto mais que cêrca de dois milhões de Ibos lá se tinham fixado, como empreiteiros, comerciantes e funcionários. Em vez de se integrarem socialmente na região, mantinham atitudes de desprezo pelos Fulanis e Haussás. Diante da *rebelião nortista* que se preparava, Ironsi tentou uma reunião em Ibadan e retratou-se explicando que suas reformas eram apenas "sugestões". Era tarde para um acôrdo. Vencedores no conflito, os nortistas prenderam e executaram Ironsi.

Surgiu então a personalidade de um nortista *Yacubo Gowon*, veterano da guerra do Congo que, a fim de evitar que a Nigéria se tornasse um nôvo Congo, procurou utilizar as forças armadas para impedir que a Região Oriental se "catanquizasse" (como a Katanga de Tchombe). Ora, para a Região Oriental já haviam voltado meio milhão de ibos que, no Norte, tinham escapado à perseguição e aos massacres de setembro e outubro de 1966. A crise política ia-se tornando cada vez mais próspera; pois em março as autoridades estaduais já se apoderavam das instalações federais de Enugu e retinham as remessas de impostos e taxas da Federação. Tomava a chefia do movimento contra Gowon, outro veterano do Congo, o jovem coronel Chukwemeka Ojukuo que, para solucionar o conflito, propunha a *mediação* da Etiópia, da Libéria ou do Egito. Gowon recusou-se a fazer um passo que daria impressão de ser a Região Oriental uma nação independente.

Em realidade, o *Oriente Nigeriano* é uma região rica que exposta 80% do petróleo do país, que tem carvão e mantém numerosas indústrias. Sua

população é de 12 milhões de almas. Possui completo aparelhamento governamental, administrativo e jurídico. Esta situação privilegiada explica a decisão da sua *Assembléa Consultiva* de autorizar o governo militar de Ojukuo a proclamar a 30 de maio de 1967 a secessão do Oriente, sob a forma de *República Independente de Biafra*.

ESTATÍSTICA (1965)

1) Produção agrícola

PRODUTOS	TONELADAS	
	Nigéria	Brasil
Mandioca.....	12 800 000	24 992 579
Amendoim.....	1 338 000	742 686
Algodão.....	130 811	1 986 313
Cacau.....	298 000	160 823
Borracha sintética.....	68 280	35 606
Fumo.....	13 600	248 182

2) Produção mineral

PRODUTOS	TONELADAS	
	Nigéria	Brasil
Petróleo.....	13 428	5 460 354
Carvão.....	740 400	3 137 159
Estanho.....	9 684	283 000
Columbita.....	2 339	12

3) Produção animal

PRODUTOS	CABEÇAS	
	Nigéria	Brasil
Caprino.....	11 000 000	14 314 000
Bovino.....	6 000 000	99 629 000
Ovino.....	3 000 000	22 627 000
Equino.....	190 000	9 461 000
Suíno.....	310 000	63 020 000

FONTE: Almanaque Mundial (1967) — Seleções do Reader's Digest — Rio, 1966.

Anuário Estatístico do Brasil — 1966 — IBGE.

A GRÉCIA E SEUS REIS

DELGADO DE CARVALHO

1 — Quadro geopolítico

Pela sua posição no Mediterrâneo, a Grécia representou no século XIX o ponto nevrálgico da chamada “*Questão do Oriente*”. No século atual, aliás, não deixa de ser ainda um problema que contrapõe os ocidentais e os sucessores dos czares.

Geograficamente, a Grécia é a projeção meridional de uma das numerosas penínsulas que caracterizam a Europa continental. É formada por um maciço arqueano erodido (Rodopé, Macedônia e Mésia) que dois sistemas de relevo envolvem a leste e a oeste: *serras dináricas* de um lado, *serras carpáticas* do outro (o Balcan) metade do bloco antigo ficou afundado e esfacelado na sua parte meridional e constituiu hoje os *arquipélagos* do mar Egeu (Cíclades, Espórades). Ao deslocamento, às rupturas das serras paralelas dos Alpes Dináricos são devidas as numerosas penínsulas, os cabos e as linhas alongadas que prolongam os relevos no sentido norte-sul (Olimpo, Pinda, Parnasso, Taigeto).

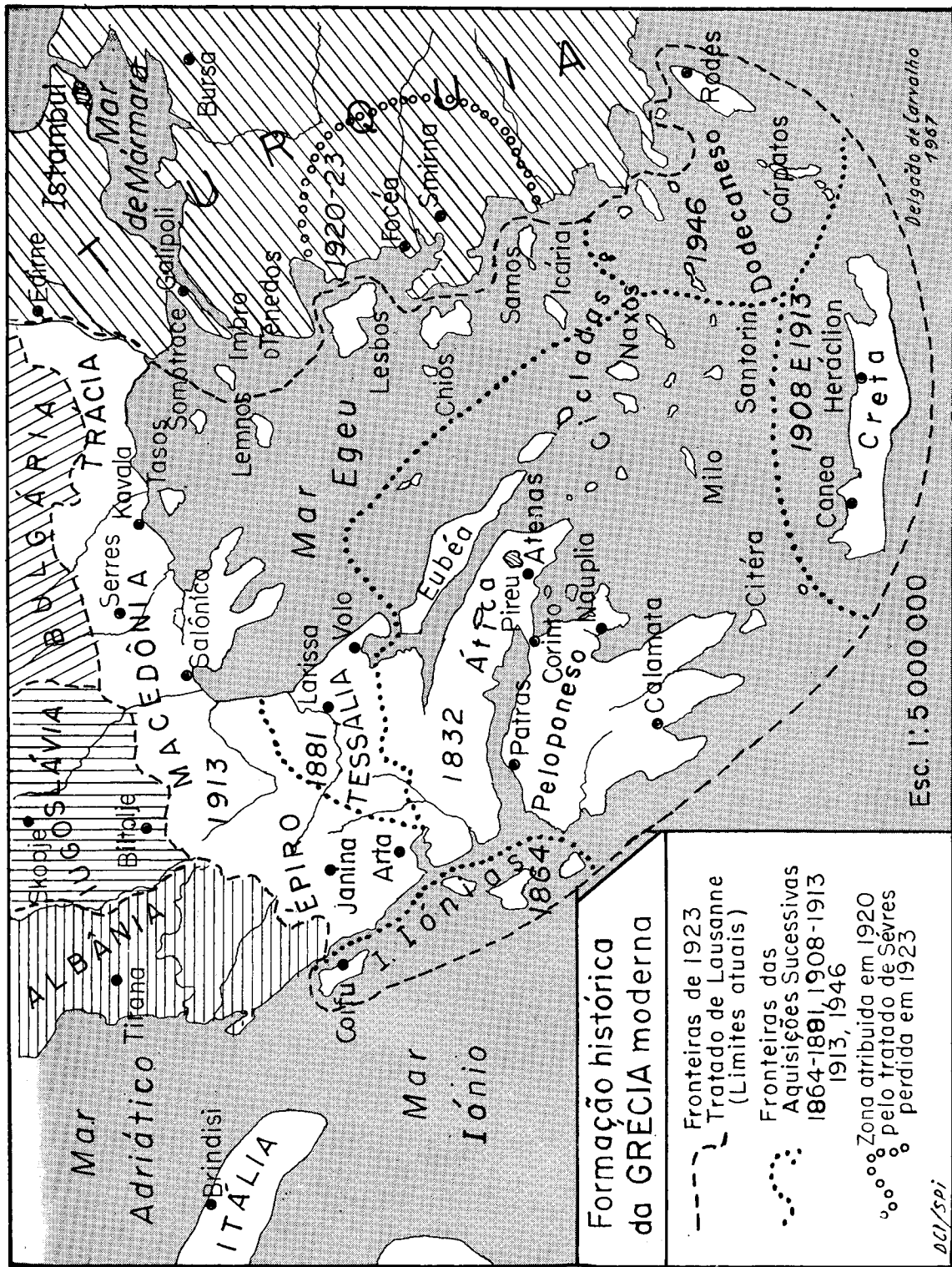
Os destinos político-econômicos da Grécia ficaram ligados a três aspectos de sua geografia: a *Grécia Continental*, a *Grécia Peninsular* e a *Grécia Insular* dos arquipélagos. A situação do país no Mediterrâneo Oriental o coloca na defrontação de três continentes e na vizinhança dos *estreitos* mais disputados da História.

Com uma extensão apenas menor do que a do Ceará, a Grécia possui 13.500 km de costas, isto é, quase o dôbro do litoral atlântico-brasileiro. Esta *penetração do mar* em tôdas as sinuosidades do país enquadra os seus relevos e deixa relativamente poucos espaços a formação de *planícies* (Tes-

sália, Lâmia, Cefise), mas o seu papel na estrutura econômica dos gêneros de vida foi decisiva. O relevo terciário alpino, oferece poucas facilidades de *comunicações*, e o *mar*, por sua vez, predispõe as populações à pesca e à navegação. Se as deficientes condições técnicas ainda prendem 70% da população à *agricultura*, não deixa de ser considerável a proporção dos *comerciantes*, *bancários* e *empregados* nos transportes e comunicações.

Estas feições geográficas, isolando em vales e anfiteatros abertos para o mar os povoados da Grécia determinaram o seu *esfacelamento político* na antiguidade e as dificuldades de união que, em tempos modernos, atrasaram sua independência. A tendência ao *particularismo* foi, entretanto, atenuado pelas necessidades econômicas criadas pela *vida marítima*, mais atraente do que as atividades agrícolas e pastoris num interior montanhoso e pobre. A “*diáspora*” ou dispersão da comunidade helênica pelo mundo criou a necessidade de contatos, aos quais a Grécia deveu muito, nas primeiras décadas do século passado, com a *Hetáiria* que converteu os governos europeus à causa grega. Mais do que de qualquer outro país pode-se repetir para a Grécia: “o seu futuro está no mar”.

Geopoliticamente, cada uma das três Grécias, continental, peninsular e insular teve o seu papel na evolução política da nação. Muitas vezes em conflito e em lutas civis, estas entidades regionais nunca deixaram de encarar o mesmo objetivo, auxiliadas pelas comunidades gregas dispersas pelo mundo mediterrâneo. É o *irredentismo helênico*, a chamada “*Grande Idéia*”, que



DCI/SPI

visa a recuperação destes grupos esparsos, a verdadeira geopolítica da Grécia, desde a sua independência até o dia de hoje.

2 — População e bases econômicas

Mais do que as outras penínsulas da Europa, sofreu a dos Balcãs invasões provenientes de tôdas as direções. Os “*Indo-europeus*” primitivos foram recalçados sucessivamente por *asiáticos*, *romanos*, *búlgaros*, *eslavos* e por fim por *turcos*. Mas, ocupando a Grécia as extremidades da península, conseguiu manter uma quase exclusividade exterior da sua população original; em seu território, as minorias alienígenas são relativamente pequenas. Em 1923, de acôrdo com o *Tratado de Lausano*, a Grécia recebeu 1 milhão e meio de imigrantes gregos e devolveu à Turquia 300 mil emigrantes turcos. Foi um dos maiores intercâmbios demográficos da história.

Em realidade, o domínio turco se limitava ultimamente à ocupação de centros estratégicos ou administrativos, tratando mais de sujeitar do que de subjugar. Na *Trácia* e na *Macedônia* foram mais pronunciadas as misturas étnicas, donde a significativa reputação que daí tirou a “Macedônia”.

A população grega era de menos de um milhão quando o país se tornou independente; um século mais tarde subia a seis milhões. Atualmente alcança 8 1/2 milhões. As maiores densidades demográficas se localizam no centro *Atenas-Pireu*, na região de *Salônica* e, de um modo geral, nas zonas costeiras do mar *Iônio* e nas ilhas.

O *êxodo rural* para as cidades, que reduz a natalidade entre os novos cidadãos, e a forte emigração tendem a estabelecer um equilíbrio demográfico. Mas a insuficiente industrialização e os lentos progressos da agropecuária determinaram o govêrno de Atenas a solicitar das Nações Unidas, em 1950, a colocação de trinta mil gregos em terras estrangeiras. A *emigração* grega se efetua para o norte da península,

para a Rússia, para o norte da África e para os Estados Unidos, onde, de 1820 a 1960, entrou meio milhão de gregos. São ainda numerosas as “colônias” gregas no exterior e, em *Chipre*, os 80% da população cipriota sendo grega, a solução política da situação internacional da ilha foi muito difícil.

Apesar de ser a Grécia um país agrícola, somente 26% de seu solo é cultivável; a não ser na *Tessália* e nas terras drenadas da *Trácia* e da *Macedônia*, o rendimento agrário é fraco; os métodos de cultura são primitivos e faltam capitais. Ao lado das *culturas de subsistência*, como trigo, milho, aveia e cevada, o *arroz* tem tido crescente importância, especialmente nas províncias do Norte, onde os imigrantes smirniotas deslocados foram acolhidos depois de 1920. Quanto às *culturas de exportação*, por isso ditas “nobres”, destacam-se o *tabaco*, que representa 40% do total (Macedônia, Trácia), as *frutas cítricas*, as *passas* de Corinto, as *azeitonas* de Corfu, o *algodão* (Tessália, Beócia) e a *colôfônia*. É restrita a criação de gado; são maiores a de *carneiros* (9 milhões) e a de *cabras* (5 milhões).

A *industrialização* do país tem progredido depois das guerras mundiais. Suas empresas são em maioria pequenas, destacando-se as indústrias têxteis, alimentares e químicas que dispõem de 65% da mão-de-obra. Localizam-se principalmente na região *Atenas-Pireu*. A exploração das reservas minerais de *bauxita*, de *magnetita* e de *ferro* dispõe de poucos capitais para seu pleno desenvolvimento. Mas fontes energéticas de *centrais térmicas* (Aliveri) e *hidroelétricas* (Ptolemais Tavropos) e a estação de Acheloos, em construção em Kremata estão aos poucos valorizando a produção mineira.

A Grécia possui a 7.^a *marinha mercante* mundial, com 10 milhões de toneladas (1965). No Canal do Panamá seus navios ocupam o 6.^o lugar, no Canal de Suez, o 4.^o lugar. Pireu é o seu maior pôrto de mar, seguem Salô-

nica, Patras, e Heraclion. Esta sua marinha é importante fonte de divisas para a Grécia, o mesmo acontece com a sua *indústria turística*.

3 — A Grécia e as guerras mundiais

Libertada da dominação otomana, a Grécia sob a proteção de três madrinhas, a *Inglaterra*, a *França* e a *Rússia*, foi dotada de um jovem rei, *Oto de Baviera*, que reinou trinta anos (1833-1863) com pessoal bávaro na administração e no exército. Descontentamento e revoltas contra esta “xenocracia” obrigaram o monarca a conceder uma *Constituição*, em 1844. Nem assim deixou de ser absoluto o seu governo, mas a instabilidade governamental foi mantida pelos políticos gregos, servindo a “Grande Idéia” de argumento principal de oposição. Economicamente entretanto foi uma fase de desenvolvimento, mas não de unificação, pois eram ativos os “helenismos periféricos”. *Constantinopla* era então a metrópole econômica da Grécia, em razão dos capitalistas “phanariotas” (grupos ricos do Phanar) que lá residiam.

“A burguesia grega se fortalecia e procurava, destacando-se da velha casta de notabilidades e de proprietários imobiliários, modificar e adaptar às novas necessidades os quadros jurídicos e políticos da Grécia.” (Nicolas Svoronos). Desta vez, a revolta liderada por Vulgaris, representante do grupo mercantil das ilhas, conseguiu destituir o rei Oto (outubro de 1862). No ano seguinte, era escolhido novo rei para a Grécia: o jovem príncipe dinamarquês, *George de Glücksburgo*, filho do rei Christiano IX. O país recebeu nova Constituição (em 1864) mais democrática, que permitiu anteriormente a adoção do *sistema parlamentar*. O rei George I, que foi assassinado em Salônica por um louco, ocupou o trono da Grécia durante meio século (1863-1913). Foi um reinado de grandes lances de política exterior, sempre com a “Grande Idéia” como

leit-motiv. Foi marcado também por transformações nos grupos sociais, ultrapassando a burguesia a sua *fase mercantil*; a *indústria*, a *navegação*, as *atividades bancárias* criavam novos elementos de oposição política, de progresso, de reformas, aos quais resistiam as forças tradicionais de reação. A contínua *instabilidade* governamental não impedia, todavia, que se destacassem alguns políticos no governo como o tradicionalista descentralizador e nacionalista *Delyannis*, o liberal burguês e centralizador representante das Ilhas, *Tricupis*, que abriu o canal de Corinto, e o famoso cretense *Venizelos* que dirigiu a política externa do país com grande habilidade e patriotismo. A êste último deve a Grécia a final *anexação de Creta*, as vitórias nas duas *guerras balcânicas* e a proveitosa intervenção grega na Primeira Guerra Mundial.

Neste conflito, em 1914, o sucessor de George I, seu filho Constantino, cunhado do Kaiser Guilherme da Alemanha, desejava ficar neutro e favorecer as “Potências Centrais” por isso, foi afastado do trono, substituído por *Alexandre I*, seu segundo filho (1917-1920). Restabelecido no governo, Constantino só reinou mais dois anos, a êle sucedeu seu filho mais velho, *George II*. A hostilidade que havia muito se manifestava contra a família real e o regime monárquico acabou triunfando em 1923. As derrotas sofridas na Ásia Menor pelas forças gregas, que procuravam alcançar Ankara, (Batalha de Afiun-Karahissar) desmoralizaram o governo de Atenas e acarretaram o afastamento de George II e a proclamação da *República* (1924). O ensaio republicano durou onze anos, mas cedo foi dominado pelo partido venizelista, o qual facilitou a volta do rei exilado.

Foi na última fase de entre-guerras, depois de falecido Venizelos, que o governo foi levado à ditadura do general *Metaxas*, com a dissolução do Parlamento, abolição dos partidos políticos, suspensão das garantias constitucionais e uma severa censura. Me-

taxas, em 1939, já era ditador vitalício quando recuperou certa popularidade quando reagiu vitoriosamente contra os italianos de Mussolini que invadiam a *Albânia*. A intervenção das forças alemãs, além de atenuar as derrotas italianas, foi seguida de uma longa *ocupação germano-búlgara* que arruinou o país e oprimiu as populações. A partir de 1941, grupos de patriotas, socialistas, comunistas, organizam frentes populares de libertação. As primeiras, das siglas E.L.D. e E.A.M., iniciam as lutas nas cidades e fundam a E.L.A.S. para atuar nas zonas rurais. São organizadas *guerrilhas* que imobilizaram divisões inimigas e frequentemente cortaram as correntes de abastecimento destinadas às forças do Eixo na África. Acredita-se mesmo que a resistência grega atrasou a ofensiva alemã contra a Rússia.

As lutas pela libertação foram seguidas de *conflitos entre partidos*. As tendências da E.A.M. para as reformas sociais haviam tornado este partido uma fração comunista, que passou a preocupar a Inglaterra, tradicional protetora da Grécia monárquica. À espera do plebiscito destinado a chamar o rei de volta, a regência do reino foi entregue ao metropolitano de Atenas, *Mons. Damaskinos*. Declarando o governo britânico não estar mais em condições de assegurar a proteção da Grécia e da Turquia, aceitou o presidente dos Estados Unidos esta incumbência, sendo nesta ocasião emitida a chamada "*Doutrina Truman*" destinada a salvaguardar o regime democrático.

Pouco sobreviveu à sua volta do exílio o rei George II, falecendo em 1947, substituído pelo seu irmão mais moço, *Paulo I*. O *plano Marshall* de auxílio americano não faltou à Grécia para a sua reestruturação econômica; de outro lado, o *Tratado de Paris* (1947) atribuía finalmente à Grécia o arquipélago italiano do Dodecaneso. Chipre, entretanto, ainda se achava (mesmo depois de sua independência como República ligada à Comunidade Britânica, 1960), destinada a ser tea-

tro de conflitos armados entre gregos e turcos mal conformados com a solução internacional que foi dada ao caso.

4 — A revolução de cima

Já é antigo na Grécia o *movimento anti-dinástico* que derrubou o rei bávaro e dois reis Gluksburgo. O rei Paulo tinha conseguido afastar do governo executivo os liberais da *União Centrista* e, durante oito anos, manter à frente do ministério Karamanlis, chefe da *União Nacional Radical*, partido direitista, monárquico e conservador. Na Grécia de pós-guerra o espantalho que serve nas lutas partidárias é o comunismo. Mas, nas eleições de 1963 e 1964, venceu o partido Centrista, chefiado pelo político liberal *George Papandreu*. Havia assim caído Karamanlis por ter procurado "europeizar" a mentalidade grega, porém com métodos autocráticos precipitados. Era acusado também o seu governo de ter favorecido demais os príncipes e a realeza, na lista civil, à custa das finanças nacionais em péssimo estado. Entretanto a Grécia devia ao governo de Karamanlis a sua associação com o "Mercado Comum Europeu" e o seu primeiro plano quinquenal. Em 1951, a Grécia tinha entrado na O.T.A.N (Organização do Tratado do Atlântico Norte) como seu décimo terceiro membro.

Quando, em 1964, faleceu Paulo I, sucedeu-lhe seu filho, duque de Esparta, que tomou o nome de *Constantino XIII* para se caracterizar como legítimo sucessor dos "basileis" de Bizâncio. Com este rei de vinte sete anos abria-se uma nova era na história interna da Grécia. O seu casamento com Ana Maria da Dinamarca (uma Gluksburgo como êle) foi ocasião festiva de reaproximação do povo e da realeza.

Nos primeiros tempos (1965), Constantino e *Papandreu* se observaram; quando o rei se recusou a efetuar uma depuração no exército, o ministro se demitiu e, em várias cidades, regis-

traram-se desordens. Falou-se mesmo num plebiscito para averiguar se o povo desejava continuar sob o regime monárquico. Daí resultou uma crise política, sucedendo-se gabinetes escolhidos pelo soberano, principalmente com coligações de grupos partidários (Stephanopulos).

Desde 1958, um grupo de oficiais republicanos formavam uma frente subversiva: a "*Áspida*", isto é, o "Escudo". Seu objetivo era o regime republicano, federativo, presidencialista. Sua aliança com o comunismo a tornava suspeita à Monarquia, tanto mais que nela figurava a presença de André Papandreu, filho do ministro, que, como deputado, gozava de imunidades parlamentares. A dissolução do Parlamento era, pois, um meio de levá-lo a ser julgado por Tribunal Militar.

Diante do perigo que se apresentava à monarquia, os *militares* se colocaram ao lado de Constantino e foi dado o *golpe de 12 de abril* (1967). Fechado o Parlamento, passados à reserva certos generais em altos comandos e dissolvidos 200 sindicatos, assumiram praticamente o governo os militares, sob a liderança do general *Spandidakis* e a presidência do Conse-

lho do general *Papandopulos*. A opinião estrangeira manifestou a sua surpresa e o próprio governo dinamarquês demonstrou, em nota oficial, a sua esperança de ver "quanto antes voltar a situação livre e democrática".

* * *

Em 1950 foram os três ministérios da Guerra, da Marinha e da Aviação reunidos em um único ministério da Defesa Nacional.

No orçamento de 1965 as despesas foram de 27,7 milhões de drachmai, sendo de 2,9 milhões a quota que coube às forças armadas.

Desde 1945 a organização militar estava entregue a uma missão britânica; em 1952 foi esta substituída por uma missão americana.

O exército, num total de 120 mil homens, conta com 11 divisões. A marinha com 8 destroyers, 3 submarinos. A aviação, com 23 mil homens, possui 260 aviões.

O serviço militar é universal e obrigatório, com 24 meses na ativa. O contingente anual recrutado é de cerca de 50 mil homens.

A TAILÂNDIA

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do CNG.

A *península da Indochina*, com uma extensão de 2.038.368 km² (pouco menor que as nossas regiões Nordeste e Leste reunidas), projeta-se no Oceano Índico, separando-o do mar da China, formado pelo Pacífico. Sob o ponto de vista político serve de barreira entre os mundos chinês e indu. Nesta península podemos distinguir *quatro grandes regiões naturais*: a Birmânia, a Tailândia, a península da Málaca (Malásia) e a antiga Indochina Francesa ocupada hoje pelo Vietnã (Norte e Sul), Laos e Cambodja.

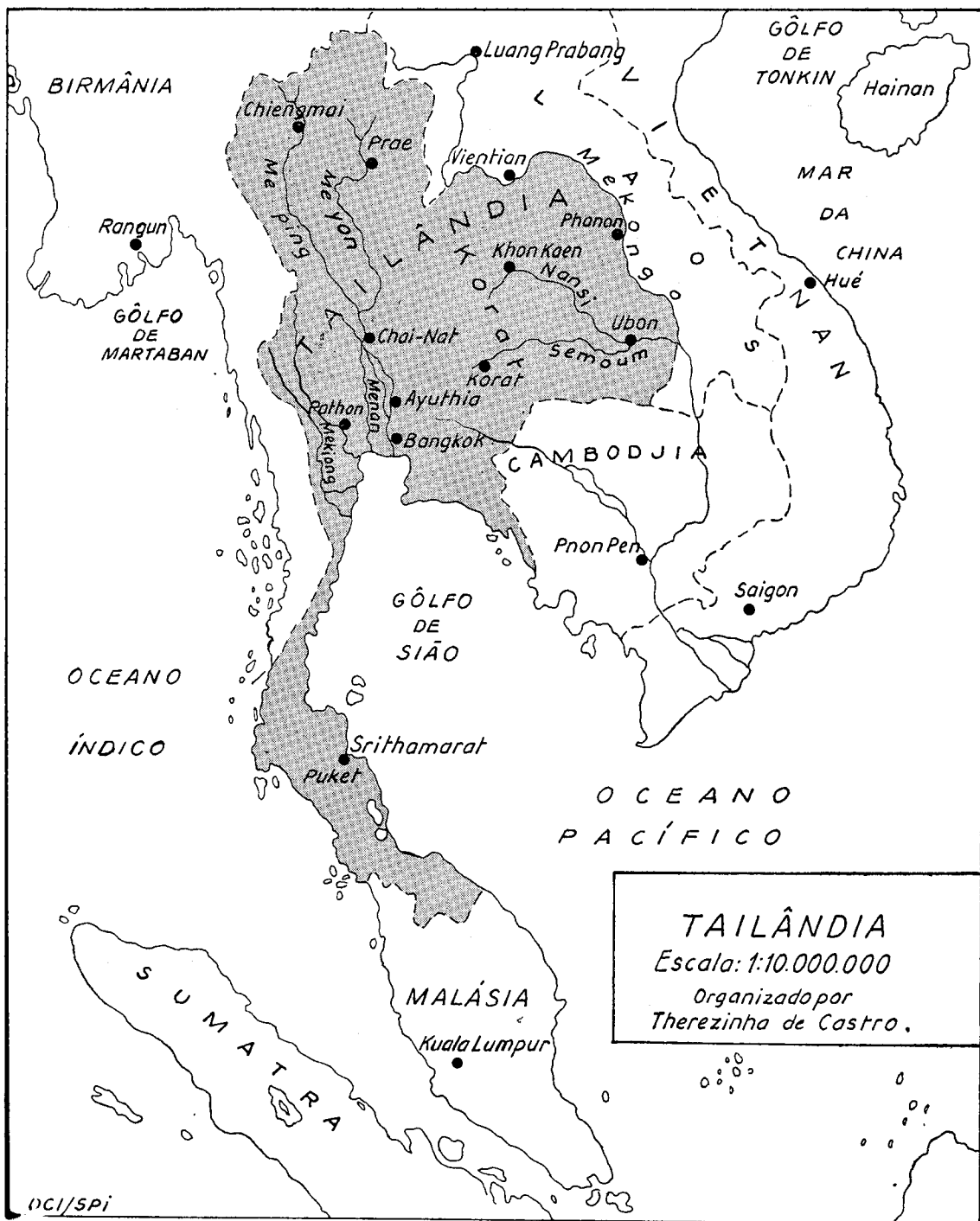
1 — Aspectos geo-econômicos da Tailândia

A *Tailândia* ocupa a *parte central da península da Indochina*, apresentando sua *zona montanhosa* no norte e oeste, onde se limita com a Birmânia. Os rios que aí nascem, o *Me Ping* e o *Me Yon* descem para a planície formando cachoeiras para, em seguida, descrever meandros e desembocar no golfo de Sião através de amplos deltas. A *disposição radial desta bacia*, no sentido dos meridianos, desempenha função fundamental como *via de penetração*, em virtude das dificuldades apresentadas pelas comunicações transversais, já que esta planície é separada da que fica no leste, próxima ao Laos, pelo *planalto de Korat*.

A *planície do Menan*, formada por aluviões é bastante fértil, permitindo o estabelecimento da *cultura do arroz*, o principal sustentáculo da economia local; no entanto, em 1965 apenas 6,02% da superfície total desta região era cultivada. O *clima de monções*, ou seja, de estações secas e chuvosas alternadas, restringiu os arrozais apenas

a áreas próximas aos rios e em especial do delta do Menan; cabe às vias fluviais o fornecimento da água na época do estio. Assim sendo, o problema principal a ser enfrentado é o da *irrigação*, já que só através dela poder-se-á ampliar o território cultivável.

O *Departamento Real de Irrigação* vem trabalhando neste sentido desde 1928, elaborando projetos para dotar a região de Chiangmai, no Me Ping de 63.000 acres cultiváveis e a de Prae, no Me Yon de 38.000 acres. Ao lado desses, o grande projeto de barragem do Menan, na altura de Chai-Nat foi concluído em 1956. Tal barragem devia irrigar, através de canais, cerca de 1.000.000 de hectares suplementares; no entanto, ela não conseguiu regularizar a distribuição da água de um ano para outro, nem tampouco prolongar o período de irrigação além da estação das chuvas, de modo a tornar possível a dupla colheita, pelo menos numa parte da área cultivada. Por isso, encontra-se nesta região, o problema mais angustiante do país, onde 35% da população está na zona rural que, no entanto, dispõe de possibilidades de irrigação extremamente reduzidas. Para o governo tailandês este é o ponto vital de suas preocupações, já que *nesta região subdesenvolvida concentra-se o setor político* onde a coesão e segurança nacional estão mais ameaçadas. Foi no coração desta região que estabeleceu-se a vila de Ayuthia que, por mais de 400 anos, representou o principal papel de centro político; destruída pelos birmanos (1767), foi substituída por *Bangkok*, atual capital do país.



A *zona meridional da Tailândia*, ocupa parte da península de Málaca, limitando-se com a Malásia; nesta região, graças a precipitação mais abundante há vegetação farta de onde se tira a madeira para exportação. Sua semelhança com a nossa Amazônia, levou os europeus a introduzirem aí, no século XX, a *cultura da seringueira*; a produção de borracha é, no entanto, ainda pequena, contrastando com a farta produção de sua vizinha, a Malásia. Nesta área meridional destaca-se ainda a *riqueza mineral*: as jazidas de estanho, têm na ilha Puket o seu principal centro; as jazidas de tungstênio estão em Srithamarat.

O planalto do Korat, ligeiramente inclinado para leste, leva para o *Mekong*, rio que separa a Tailândia do Laos, dois cursos d'água tailandeses — o *Nansi* e o *Semoum*. Esses rios beneficiam, em determinado período, a região central do país; no entanto, durante a estação seca não passam de simples filetes d'água, semelhantes aos rios temporários do nosso Nordeste.

2 — Aspectos histórico-políticos

O termo "*tai*" é uma denominação lingüística que englobou um povo que se fixou sobre vasta extensão, abrangendo do vale do Bramaputra ao mar da China, do Yang-tsê-kiang ao golfo de Sião (1160). Estabelecendo-se no vale do Menan, criaram sua capital em Ayuthia; surgia assim o reino do Sião que se desenvolveria graças aos rios navegáveis, abrindo-lhe caminho para as férteis planícies do interior e favorecendo, ao mesmo tempo, o acesso ao mar. Este último fator levaria os "*tai*" a estabelecerem forte comércio com os chineses, indus e, posteriormente, com os europeus.

No século XVI uma nova potência organizar-se-ia no oeste — a Birmânia; as invasões dos birmaneses entravaram o progresso do Sião, bem como a destruição de Ayuthia (1767). Coube à *dinastia dos Chakri*, representada por Rama I expulsar os birmane-

ses, restabelecer a independência do país e construir Bangkok que se tornou a nova capital do Sião (1782). Deve-se ainda a esta dinastia a *centralização do poder*, uma vez que o país vivera até a primeira metade do século XIX sob um sistema semi-feudal; as funções civis e militares passaram a ser controladas, respectivamente, por dois primeiros ministros. A fim de defender-se dos povos vizinhos, o Sião apelou para os estrangeiros, especialmente *chineses*, dos quais conseguiu equipamento para seus exércitos; quando em 1818 e 1821 Bangkok foi visitada por navios dos Estados Unidos, estes foram bem acolhidos por trazerem modernas armas de fogo. Finalmente, a vitória dos ingleses na Birmânia (1826) levaria os dirigentes siameses a procurar *maior entendimento e contactos com os ocidentais*.

Econômicamente o Sião também procurou desenvolver-se e, graças à imigração chinesa, na primeira metade do século XIX realizaram-se progressos na cultura da cana-de-açúcar, algodão e arroz. De fato foram as plantações dos emigrados chineses que passaram a ter papel primordial nas exportações: em 1850 as exportações eram de 5.585.000 bahts *, ultrapassando as importações em mais de 1.200.000 bahts. Em 1825 havia cerca de 100.000 emigrados chineses no Sião, número este aumentado para 300.000 em 1850. Vivendo no meio de uma população de economia de subsistência, os emigrados chineses eram os mais beneficiados no país; como segundo beneficiário vinha o próprio governo siamês que se valia dos chineses como fornecedores, vendedores ou transportadores, em benefício do monopólio oficial.

Os primeiros contactos comerciais com o ocidente, começam através da *Inglaterra* que, após haver dado sua prova de força aos birmaneses, conseguiu assinar um tratado de comércio

* O baht ou tical, moeda do país, tem seu valor atual de câmbio na proporção de 20,8 por dólar.

com os siameses (1826). Para se contrapor à influência única dos ingleses, o governo do Sião aproximou-se de vários outros países assinando com todos, tratados análogos *. Tais tratados estabeleciam a liberdade de comércio, salvo para o ópio, cuja importação era proibida e arroz, cuja exportação era também vedada. O monopólio oficial de que gozava o governo siamês, foi substituído por taxas de exportação a serem pagas. A guerra do ópio e a abertura forçada do comércio chinês pelos ocidentais (1840) servira de exemplo; daí a aplicação desta *política de amplo comércio* aplicada pelos siameses. Assim sendo, o Sião conseguiria sem guerra, entrar na sua fase de ocidentalização.

O contacto com o ocidente levaria também o Sião a *modificar sua estrutura técnica e administrativa*. Aí entram em cena as missões cristãs (católicas e protestantes); estas não haviam tido sucesso nas tentativas de conversão religiosa já que o budismo estava fortemente enraizado na região mas, grande foi a ação civilizadora que exerceram junto ao governo. Para modernizar a administração foram chamados êsses europeus para ocupar cargos públicos (diretor aduaneiro, comandante dos portos, chefe de polícia, etc.); o ensino do inglês foi favorecido, a vacinação em massa foi efetuada, começando para exemplo, pelo altos funcionários e membros da família real.

A política inteligente dêste governo preservou a independência do Sião. Foi êste o único território que ficou livre da ocupação estrangeira, já que o governo siamês soube se preservar tirando partido da rivalidade anglo-francesa na península da Indochina. O Sião tornou-se assim uma espécie de *estado-tampão* e, pelo acôrdo franco-britânico de 1896 via garantida a sua independência.

No entanto, *fatôres ideológicos e econômicos* iriam contribuir para o en-

fraquecimento das instituições da monarquia siamesa e conduzir o país à revolução de 1932 que implantaria o constitucionalismo. Sob o ponto de vista ideológico, a *formação democrática* seria trazida da França: quer através dos conselheiros franceses contratados para a reforma do direito siamês (1908), quer pelo número sempre crescente de estudantes siameses que, das universidades francesas, voltavam imbuídos das novas idéias. A implantação dos ideais democráticos foi lenta e só se tornou realidade graças à crise econômica mundial; esta atingiu também o Sião, através das duas péssimas colheitas consecutivas (1928-29) que reduziram consideravelmente o excedente exportável do país. As finanças públicas caíram e, aproveitando-se do golpe provocado pela *depressão*, os democratas passam a fazer valer suas idéias. A predominância das forças conservadoras entre os promotores do golpe de estado, é demonstrada pela *manutenção do regime monárquico* que legitimou a operação política diante do povo e do estrangeiro.

A resolução da crise financeira iria colocar o Sião diante de uma crise de caráter comunista, já que Pridi, membro sem pasta do Conselho de Estado, elaborava em 1933 um *plano geral de reformas econômicas e sociais de inspiração nitidamente socialista*. Idealizava tal programa: a socialização completa das terras, embora prevesse a indenização para os proprietários e livrasse as sociedades estrangeiras desta nacionalização geral; a criação de cooperativas dirigidas pelo Estado deveriam garantir a segurança dos trabalhadores e empreender o desenvolvimento planejado da economia.

Como os promotores militares do golpe de estado não partilhavam do *radicalismo de Pridi*, organizaram uma contra-revolução que pôs o país *entre a democracia e a ditadura*. Passou em seguida a uma propaganda oficial que glorificava a manutenção do *papel do exército* e uma difusão da *doutrina "Pan-tai"*, ou seja, ideal de anexar ao Sião todos os povos pertencentes ao

* Estados Unidos (1838), França (1856), Dinamarca e vilas Hanseáticas (1858), Portugal (1859), Holanda (1860) e Prússia (1862).

grupo lingüístico "tai". A conseqüência imediata de tal política foi a *mudança do nome* secular Sião, para o que oficialmente designa hoje o país — *Tailândia* (terra dos tai). Em seguida, foram elaboradas uma série de *medidas discriminatórias contra os emigrados chineses*, aos quais foi interditado o exercício de certas profissões. Enfim, o racismo, o militarismo e o autoritarismo passaram a caracterizar o nôvo regime que, no entanto, ainda mantinha a monarquia, verdadeiro sustentáculo da União.

A 2.^a Grande Guerra levou a Tailândia ao rompimento desta união política que vinha salvaguardando sua independência. O *ultimatum japonês* (7 de dezembro de 1941), reclamando a livre passagem das tropas nipônicas através do território tailandês, dividiu o país. De fato, a Tailândia pressionada, cedia às imposições do Japão e declarava *guerra aos Estados Unidos e Inglaterra*; no exterior (Estados Unidos), estudantes tailandeses, sob a direção de Pramoj, fundaram o movimento "Free-Tai", recusando-se a aceitar tal situação beligerante.

Terminada a guerra, a Inglaterra, ao contrário dos Estados Unidos, preferiu tratar a Tailândia como país inimigo, agravando-lhe fortemente a situação econômica. Os Estados Unidos tudo fizeram para abrandar as cláusulas políticas do tratado imposto à Tailândia, intervindo mesmo para que fôsem revistas as cláusulas econômicas. Tal atitude levaria os Estados Unidos a uma maior influência no país, em detrimento da Inglaterra.

A entrada da Tailândia na ONU foi conseguida graças à influência dos Estados Unidos que convenceram, para tal, o governo tailandês a restituir as províncias indochinesas anexadas, o que foi feito através do tratado de 17 de novembro de 1946. Iria iniciar-se então, na Tailândia, a segunda *experiência de democratização* bem como a sua entrada oficial no campo ocidental, após a assinatura do *tratado de Manila* (8 de setembro de 1954).

A aproximação Tailândia-Estados Unidos foi, de certo modo, bastante favorável a ambos os países. Ao primeiro, por ser um país de conservadores que procura *vencer a oposição esquerdista*, atacando o subdesenvolvimento, no que é auxiliado por capitais estadunidenses. Ao segundo, que tendo em seus interesses ideológicos o objetivo de *barrar a influência chinesa comunista* na península Indochinesa, obteve em troca o estabelecimento de *bases militares* em territórios tailandeses em *Chiengmai, Pathom, Bagkok, Korat, Ubon, Khon Kaen, Pharnon*, etc. A Tailândia tornou-se, assim, excelente *ponte para as operações bélicas no Vietnan*.

Internamente, o governo se esforça no sentido de manter a coesão nacional e o prestígio do poder monárquico que, no seu papel simbólico, garante a concentração das forças nas mãos do Primeiro Ministro. No setor econômico, tende para a *planificação*, renunciando à criação de novas emprêsas estatais, a fim de favorecer a iniciativa privada. Seguindo os conselhos do BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento), organismo especializado da ONU, as novas emprêsas públicas foram cercadas por uma série de leis sôbre investimentos industriais que oferecem vantagens e facilidades aos investimentos privados nacionais e estrangeiros.

O plano de seis anos publicado em 1960, procurou favorecer as indústrias em matérias de energia elétrica, ultrapassando os 138.000 kW existentes para 370.000 kW em 1963. Animando o replantio sistemático da seringueira, o referido plano, logrou colocar em sua balança comercial a exportação da borracha.

Deve-se notar, porém, que a coesão política nacional está desaparecendo aos poucos, isto porque uma nova classe social vem-se formando, graças ao desenvolvimento econômico experimentado pelo país nos últimos anos, trata-se do *proletariado industrial* que tem diante de si interesses próprios a defender. Do outro lado, os proprietá-

rios de terras, absenteístas, de um modo geral, formam a chamada classe da *burguesia ocidental*, é esta que no momento atual controla o governo, através do partido democrata e orienta o regime constitucional baseado na monarquia parlamentar.

3 — Problemas externos

Se, do lado da Birmânia, um relêvo mais elevado do ramo Himalaio dificulta a invasão do noroeste da Tailândia, as planícies do nordeste, ao contrário, abrem caminho fácil à *penetração laociana*. Assim sendo, a vizinhança do Laos constitui, na atualidade, o *principal problema de relações internacionais* que se impõe ao governo de Bangkok. De fato, na parte da península Indochinesa, em que a larga curva do rio Mekong envolve a planície tailandesa, o Estado do Laos constituiu uma estreita faixa de terra que circunda este “*bolsão*”, daí a necessidade de defesa desta área, enquanto perduram as hostilidades no Vietnã.

Nos últimos anos, a política interna do Laos vem sofrendo lutas partidárias sob a ameaça comunista, que o auxílio econômico e diplomático dos Estados Unidos procura neutralizar. Logo após a independência do Laos (1953) o príncipe laociano Sufanuvong aceitou a formação de um governo neutralista com relação ao Vietnã através do *Pathet Lao*, partido comunista, que no entanto recebe periodicamente reforços de Hanói. Como as infiltrações comunistas têm-se multiplicado depois de 1963, o Laos vem servindo de base às incursões ao território tailandês.

Com sete outros países, a Tailândia faz parte, desde 1954, da “*Organização da Defesa do Sudeste Asiático*” (SEATO). No entanto, em 1965, a China Comunista declarou que, terminado o caso do Vietnã, a Tailândia será “o próximo objetivo de libertação”. É interessante se notar, que na atual conjuntura, no nordeste do território tailandês, numerosos são os *elementos de oposição que foram educados na China*.

QUADROS ESTATÍSTICOS (1965)

1) Produção agrícola

PRODUTO	Toneladas
Arroz.....	10 000 000
Cana-de-açúcar.....	4 750 000
Mandioca.....	2 025 000
Milho.....	950 000
Banana.....	770 000
Borracha.....	216 500

2) Produção mineral

MINÉRIO	Toneladas
Tungstênio.....	258
Manganês.....	1 400
Linhito.....	124 800
Ferro.....	750 000

3) Produção industrial

PRODUTO	Produção
Madeira serrada.....	1 076 000 m ³
Cimento.....	1 059 600 ton.
Cigarros.....	10 399 milhões
Açúcar.....	168 000 ton.

4) Comunicações

Rodovias	Ferrovias
11 228 km	3 519 km

5) População (1960)

TOTAL: 26.257.916 dos quais 1,6% são chineses

REGIÃO	Habitantes
Nordeste.....	8 991 543
Centro.....	8 271 302
Noroeste.....	5 723 106
Sul.....	3 271 965

6) Religião (1960)

CREDO	Professantes
Budista.....	24 563 523
Maometano.....	1 025 569
Cristão.....	150 053

FONTE: Almanaque Mundial (1967) — Seções do Reader's Digest — Rio, 1966.

The Statesman's Year Book (1966-67) — Londres, 1966.